

## NOTAS SOBRE A VIOLÊNCIA EM UMA ESCOLA DO INTERIOR PAULISTA<sup>1</sup>.

*DAMLÃO, Abraão Pustrelo<sup>2</sup>*

### Introdução

O estágio de observação é um momento de percepção da dinâmica escolar: das relações interpessoais, o momento de entrada e de saída, o recreio, a organização do pátio e as sociabilidades criadas no interior da escola. Isso permite ao estagiário refletir sobre as práticas sócio-educacionais dentro e fora da sala de aula – que não pode ser dissociada do contexto em que esta inserida.

Nesse sentido, o estagiário é um pesquisador, pois desenvolve as características da investigação sociológica. Pesquisador que aprende, porque o estágio pressupõe a análise dos estudos práticos que levam à aprendizagem. É um ponto onde a teoria e a prática se converge.

Durante minhas observações, pude sentir a escola, seus pontos positivos e negativos, sobretudo no que concerne à violência escolar. O desafio foi trabalhar com uma instituição de ensino – na cidade de Pontal/SP<sup>3</sup> – bem diversificada quanto às origens socioeconômicas e culturais dos alunos, e que atende estudantes do EF II, EM - EJA: PF, EM.

Foi um momento curto (cerca de 120hrs) que possibilitou rever meus próprios aprendizados durante minha longa jornada – do ensino fundamental ao superior – e trilhar (pensar) intervenções que possam culminar num “avanço” significativo para os envolvidos na docência e na administração escolar e, principalmente, para mim como um possível agente escolar.

A análise sociológica aqui realizada baseia-se nas observações e avaliações feitas na E.E. BLN4 durante o período de Estágio Supervisionado de Sociologia, que abrangeu os meses de junho, julho e agosto de 2010. Essa experiência possibilitou importantes análises para a formação de um sociólogo mais experimentado aos acontecimentos no espaço escolar.

Mas, é certo que não posso, e nem pretendo, resolver todos os problemas

---

<sup>1</sup> Este relato de pesquisa é fruto de minhas observações durante o estágio obrigatório de sociologia, para a obtenção do diploma de Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

<sup>2</sup> Bacharel, Licenciado e Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Contato: dirceudamiao@hotmail.com.

<sup>3</sup> Cidade com pouco mais de 40 mil habitantes, localizada na Região de Ribeirão Preto, Nordeste do Estado de São Paulo.

<sup>4</sup> A fim de preservar a integridade da escola e de seus agentes, o nome exposto durante todo o trabalho aqui apresentado é fictício, apesar de o nome completo e os dados cadastrais da escola, estarem presentes no relatório final de estágio entregue a comissão do curso de ciências sociais da Unesp.

vistos e vividos na escola, até porque o tempo de observação e o material de pesquisa são curtos. Entretanto, as oportunidades que tive para junto a todos que fazem à escola foram aproveitadas (ou assim espero) ao máximo.

## Dados gerais da escola

A escola E.E. BLN é a maior e mais antiga escola da cidade. Localizada bem no centro urbano, caracterizado por uma área comercial forte, por habitações de nível médio e um grande contingente populacional, tanto de moradores quanto de transeuntes.

A escola ocupa o espaço de um quarteirão inteiro de terreno, dentro do qual encontra-se: 1 cantina, 1 cozinha com depósito, 1 sala da diretoria, 1 laboratório de informática com cerca de 25 computadores, 1 pátio com uma parte coberta e uma ao ar livre, 1 quadra poliesportiva coberta; 1 sala de coordenação, 1 sala de recursos humanos e administração, 1 sala de professores, 1 sala de arquivo, 32 salas de aulas, 1 sala de vídeo, 4 sanitários para alunos (2 para o sexo feminino e 2 para o masculino), 6 sanitários para professores e pessoal administrativo (3 masculinos e 3 femininos), 1 secretaria e 1 zeladoria.

A estrutura física da escola não foge à regra da maioria das escolas públicas atualmente, constituída por: muros altos – com arame farpado – três portões até chegar ao pátio, sendo que no primeiro portão há um interfone para a identificação de quem chega à escola; salas de aula (não todas, mas a maioria) em decadente estado estrutural com ventiladores quebrados, lousa descascada, carteiras sem acento ou sem apoio. Como o prédio é muito antigo, em algumas salas os tacos do chão estão se soltando. Nenhuma sala conta com computador, aparelho de som ou retro-projetor próprio.

No entanto, essa estrutura física “prisional” e “decadente” é recente, e chama à atenção por ser uma escola que até meados de 1980 era considerada uma das melhores do Estado de São Paulo, a única a oferecer o ensino médio e freqüentada por todas as classes sociais do município. O que quero destacar aqui é que esta escola era um dos grandes espaços públicos da cidade, onde as diferenças sócio-econômicas e culturais conviviam de um modo interativo e fortemente integrado.

Entretanto, com a precarização do ensino público, a partir dos anos 90, e o surgimento das instituições de ensino privado no município, essa escola foi perdendo sua característica inicial de qualidade de ensino e de acolhimento de públicos diversos.

Atualmente, a maioria dos alunos pertence a famílias de trabalhadores oriundos de classes socioeconômicas baixas, que se juntam aos filhos de migrantes

que vêm à cidade trabalhar no setor sucroalcooleiro<sup>5</sup>. Porém, especialmente no período diurno não é difícil encontrar jovens de classe média alta que, por dificuldades de aprendizagem não conseguem acompanhar o ensino privado e se transferem para a escola pública na crença de que será “mais fácil passar de ano” e, assim, terminar rapidamente e sem esforço o ensino fundamental e médio.

Mas, de um modo geral, os alunos da referida escola são jovens, maioria negra e parda, oriundos das regiões Centro-Oeste e Nordeste e com baixas condições socioeconômicas, sobretudo os que freqüentam os períodos vespertino e noturno. São filhos de pais com baixo nível de escolaridade e que trabalham por um longo período diário em troca de baixos salários nas usinas da cidade<sup>6</sup>.

Todos os funcionários (inspetores, auxiliares de limpeza e outros) e a maior parte dos professores e membros da coordenação e direção moram na cidade onde a escola está situada e ainda se orgulham por serem os “melhores” do município. Entretanto, essa reminiscência histórica não se fundamenta mais. Atualmente o município já conta com, ao menos, oito escolas (em um total de 22) que oferecem os mesmos cursos (EF II, EM - EJA: PF, EM), e que inclusive obtiveram melhores resultados nos programas de avaliação do ensino do ministério da educação – IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) – além de possuírem uma infra-estrutura mais adequada.

### **Opção pedagógica: superação do problema?**

O plano de trabalho, a partir do qual os professores guiam seus trabalhos em sala, desenvolve-se (na maioria) a partir da análise e interpretação imediata das propostas curriculares dos cadernos do Estado de São Paulo. Pelo que pude notar, alguns professores têm dificuldades de interpretação dos cadernos e não percebi qualquer leitura crítica deles, uma vez que o conteúdo é transmitido literalmente, sem interlocução com os alunos pela maior parte dos professores.

O projeto pedagógico, dessa forma, pauta-se quase integralmente pelo cumprimento das normas e assuntos propostos pela Secretaria de Educação do Estado, que parece se posicionar como detentora de uma “formação ampla”, que atende as reais necessidades dos alunos e articula o conhecimento em sala de aula com o mundo “lá fora”, ou seja, uma inserção dos alunos no ambiente sócio-cultural e econômico.

A proposta inicial dos cadernos de formação ampla parece restringir-se ao

---

<sup>5</sup>Estima-se que cerca de 5 mil habitantes do município, de um total de 40.244hab, nasceram em de outros estados) Ver dados do IBGE In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=354020>. Visualizado em 25/5/2011

<sup>6</sup>A cidade de Pontal/SP possui 4 usinas de produção sucroalcooleira e estimasse, de acordo com a fundação Seade, que cerca de 30% dos trabalhadores do município prestam serviços ou são empregados diretos das usinas.

ensino voltado para o desenvolvimento de capacidades e habilidades mínimas para a inserção do aluno no mercado de trabalho, ou ao entendimento do mundo do trabalho. Pelo que percebi, o papel da escola está em transmitir/transferir conhecimentos pré-determinados e pré-formatados para a formação do aluno enquanto força de trabalho.

Entretanto, um destaque muito positivo, é que alguns professores para enriquecer as aulas, sobretudo, de Sociologia tentam estimular a leitura de obras clássicas da disciplina, trabalham com filmes e matérias jornalísticas, além de instigar o uso da biblioteca – que possui um número considerável de livros. Por outro lado, há pouco uso de instrumentos eletrônicos e/ou de alta tecnologia (computadores, projetores, scanners, internet etc.), na sala de aula.

Não notei, contudo, como as novas formas de ver os problemas naturais, novas abordagens de temas já consagrados e novos caminhos da sociologia são propostos e amparados, além das indicações nos cadernos do Estado de São Paulo. Uma gama considerável de exercícios, mapas e textos que visam desmistificar de certo modo a sociologia positivista (quantitativa) clássica, não aparece.

Grosso modo, o caderno tenta captar o atual (avançado e dinâmico) estágio de desenvolvimento do conhecimento sociológico e aponta (ou assim pretende) modos (eccléticos) de pensar a sociologia e os espaços de sociabilidade. Entretanto, como KAERCHER (2004) nos lembra, não é simplesmente mudando os temas (os conteúdos) que iremos modificar uma postura de ensino-aprendizagem. O grande desafio é a mudança significativa na relação professor-aluno, uma transformação metodológica. Exatamente nesse ponto, constatamos as debilidades do caderno e do próprio professor, uma vez que refletir sobre o processo de constituição do saber sociológico é saber pensar o próprio espaço social em suas diversas dimensões: social, natural e histórico (CARLOS, 1999).

A sociologia tem como tarefa uma compreensão profunda da realidade fenomênica dos espaços e o constante questionamento sobre o modo pelo qual a análise social pode contribuir para o entendimento do mundo e seu processo de transformação, além de nos ajudar a pensar a formação de valores essenciais à convivência e compartilhamento dos espaços de sociabilidade. Nesse sentido, nenhum dos dois, caderno e professor, cumpre o papel transformador da relação ensino-aprendizado.

O leitor pode questionar os motivos que me levaram a informar sobre a estrutura física, as origens dos alunos e agentes escolares, a opção pedagógica e a postura dos professores em sala de aula, quando, na verdade, o trabalho se propõe a discutir a violência no ambiente escolar? Faço isso, porque acredito, primeiramente, em uma definição de violência mais ampla, que abrange qualquer ato ou pensamento que impossibilite (ou limite) os indivíduos de se desenvolver em sua plenitude, econômica, cultural, mas também, intelectual. Por isso, quando a escola passa a ser um espaço público degradado, de construção (e reprodução) de um

conhecimento acrítico e ajuda a manter o status quo, já bem sabido violento e problemático, ela mesma pode ser considerada em espaço onde a violência pode vir a surgir. Casos para corroborar essa afirmação não faltam<sup>7</sup>.

## A violência e a indisciplina

A violência, seja qual for à maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota

Jean-Paul Sartre

Nos últimos anos, na seqüência dos incidentes trágicos no âmbito escolar, o tema da violência tem recebido considerável atenção tanto de estudiosos quanto de professores, diretores e dos próprios alunos. A fim de manter uma visão clara e mais abrangente do problema, é importante ter em mente que no rol da violência escolar incluem-se: ridicularização física e emocional, intimidação, agressões, ameaças, crimes sexuais, bem como os componentes menos visíveis, mas igualmente importantes como às pichações, o vandalismo e as ações de gangues diversas. Em outras palavras, a violência na escola é qualquer tipo de atividade violenta dentro do ambiente escolar, ela inclui o assédio moral, abusos físicos, abusos verbais, brigas, e também o bullying (SPOSITO, 1988).

Nesse sentido, vendo a violência como algo muito maior que uma agressão física direta, observa-se no funcionamento interno da escola algumas expressões dessas formas de violência, como veremos adiante. Mas, especialmente no interior da sala de aula, a indisciplina parece ser a maior e a mais grave causa da violência na visão dos professores, entretanto não dos alunos.

Isso se dá, pois ainda persiste a máxima: o aluno é uma tabula rasa que recebe ordens e esta ali para aprender – com os professores que, teoricamente, sabem mais – e sofrer medidas repressivas quando não seguem as regras. A autonomia do aluno – se pensar em uma perspectiva pedagógica do construtivismo – quando se realiza é limitada pelo poder restrito de participação dialógica rasa, uma vez que o professor não abre muitas brechas para debates e questionamentos com os alunos. Ainda, na maior parte do tempo as ações dos alunos são observadas e julgadas pelos inspetores, para ver se seus comportamentos são condizentes com o funcionamento da escola ou se são passíveis de serem aceitos.

<sup>7</sup> *Massacre em escola no Rio de Janeiro*, Pelo menos 11 estudantes de uma escola na zona oeste do Rio de Janeiro, Brasil, foram abatidos a tiro por um ex-aluno de 24 anos, que se suicidou de seguida. Jornal Estado de São Paulo, 7 de abril de 2011. *Corpo de criança de 10 anos que se matou após atirar em professora é velado no ABC*. Jornal Estado de São Paulo, 22 de Setembro de 2011. *Agressão entre alunos deixa um ferido em São Fidélis*. Jornal Folha de Minas, 24 de outubro de 2011. Outros vários exemplos desse tipo não são difíceis de serem encontrados rotineiramente.

A relação dos alunos com os inspetores é pautada por um afastamento. Não há um diálogo positivo, nem mesmo abertura para isso. Nota-se que o inspetor concebe como sua tarefa manter uma relação distante ou quando a situação requer, observá-los e encaminhá-los à direção. Este afastamento nas relações também é observado entre os alunos e a direção da escola, mais preocupada com a manutenção da ordem dentro da instituição e o “bom comportamento” do que propriamente com os problemas e dificuldades dos alunos. Mas, deve-se ressaltar aqui que a direção da escola é atenciosa e prestativa, mas, muitas vezes, pelo que percebi, existe um conflito de gerações na hora de debater e lidar com os problemas disciplinares e de aprendizagem. Acredito que isso ocorra pela formação mais antiga (tradicional) dos professores e diretores e as novas experiências (expectativas) cotidianas da juventude.

Há muitas razões para a violência e a indisciplina escolar. Entretanto, a principal forma de coerção me parece ser a intimidação – em suas mais diversas formas – dentro das instalações da escola. Os agressores (alunos, professores, ou direção) tentam dominar e domar – dependendo a quem a agressão se dirige – alunos, professores ou funcionários o que pode acabar em uma agressão física ou moral.

Pelo que notei é na relação professor-aluno-funcionário (não necessariamente nesta ordem) que as principais situações que engendram à violência e a indisciplina acontecem, especialmente quando se fala dos incidentes que perturbam o “bom funcionamento da sala de aula”. Este é motivo de disputa entre a autoridade do professor e a libertinagem do aluno e, também, do demonstrativo de força, muita mais moral do que física, dos grupos que “mandam na sala”.

A agressão verbal entre professores que querem silêncio versus alunos bagunceiros, e o bullying de uns colegas de classe sobre outros, são as situações de violência mais comuns dentro da sala de aula. Expressões como “Cala a boca moleque”, “Olha quem esta falando”, “gordo(a)”, “viadinho”, “paga-pau”, são constantes.

A influência dos professores na violência escolar tem o mesmo valor da contribuição dos pais na formação de uma criança. Uma criança gasta cerca de seis horas na escola e está sob a vigília dos professores, enquanto o resto do dia fica sob a tutela dos pais. Por isso, é muito importante que tanto o ambiente escolar quanto o familiar tenham uma atmosfera favorável. Os professores devem se certificar de que a criança não está sofrendo qualquer tipo de perturbação de colegas dentro da classe ou que não tenha qualquer problema que poderia aumentar os incidentes da violência escolar, como o horário de intervalo, saída e entrada na escola.

Como diversos estudos demonstram os amigos têm uma grande contribuição na formação da personalidade dos jovens. Um círculo de amigos de “boa qualidade” fará com que o aluno cresça num ambiente saudável e as chances de se tornar rude ou arrogante são muito menores, eliminando, possivelmente, as chances de violência

direta. No entanto, se os amigos são agressivos, a dificuldade de mudar o comportamento de um estudante se torna mais complexa. Esse conflito ficou claro numa sala do terceiro colegial, quando presenciei a rispidez mútua dos alunos mais interessados na matéria e dos que ali estavam por alguma obrigação – como a obtenção do diploma ou exigência dos pais. Os primeiros pensavam em cursar uma universidade e por isso debruçavam-se (mesmo que não gostassem) nos estudos, enquanto os segundos se mostravam inquietos e até mesmo desacolhidos pelo professor.

Os incidentes que interpretamos como atitudes violentas ou indisciplinadas, são, na verdade, “os conflitos entre os pares” e “conflitos na relação professor-aluno”, que podem ser entendidos em proporções de violência e delinquência, mesmo que esta apresente uma menor frequência do que a outra (AMADO, 2005). A análise contextual das ações de indisciplina e violência, em sentido mais amplo, conferido aqui, revela que tais comportamentos (tidos como agressivos) não são sempre “ofensivos” (como a opinião geral, acredita), mas também “defensivos”, funcionam como um escudo do aluno para proteger sua imagem e “dignidade”, ou como uma estratégia de “manutenção” e “sobrevivência” no sentido físico, psíquico e moral dentro dos limites da escola e da sala de aula (AMADO, 2001).

Existem vários estudos científicos, nacionais e internacionais que enfatizam a relação entre a exibição dos problemas disciplinares (incluindo a violência) e o ethos que se vive no interior da escola. Eles mostram como as experiências vividas na escola, no que concerne a violência e a indisciplina, podem estar associadas a uma complexa rede de relações que materializam formas sociais fora da escola. Tais como 1) Violência doméstica, que pode, de acordo com os professores, se representar na atitude defensiva e até mesmo ríspida dos alunos para com os docentes 2) Competitividade, que como aponta J. P. F. J. “‘Todo mundo aqui quer ser melhor que o outro, principalmente aqueles que poderão fazer faculdade’”. 3) Conflitos de diferentes gerações, o que dificulta o diálogo entre professores e alunos. 4) Rígido, e não atualizado, trabalho dos inspetores e diretoria que na maioria das vezes não sabem lidar com os problemas dos alunos, especialmente porque ainda carregam uma perspectiva mais “antiga” e autoritária de trabalho.

De um modo geral, o contexto social, psicossocial e pedagógico “sentido” por alunos e professores, e as “funções” da escola devem ser consideradas, como um todo integrado e em correlação constante, para entendermos a escola de um modo mais completo. As influências sociais, o contexto familiar, econômico e cultural, relacionados à formação da personalidade do aluno e do profissionalismo da conduta do professor, e dos associados à escola como uma organização ou um sistema educacional, não podem ser deixados de lado para compreendermos melhor as sociabilidades que se engendram no espaço escolar.

Como podemos perceber, o tema da violência escolar é algo que afeta toda a sociedade. Além de interferir no processo de aprendizagem, os efeitos de longo

alcance da violência escolar untrapassa os muros da escola. Muitas crianças que apresentam comportamento violento e indisciplinado na escola estão expostas à violência ou abuso fora da escola e pode ser que precisem de ajuda de profissionais dispostos a cooperar. Sendo fato comum as vítimas manterem o silêncio sobre os episódios de vitimização, devido a uma série de razões como: o embaraço frente a direção e professores, vergonha e medo de retaliações por parte dos que cometem abusos, entre outras. As crianças que são vítimas da violência escolar muitas vezes sofrem de diminuição da auto-estima, evasão escolar, depressão, transtorno de estresse pós-traumático e em casos extremos, o suicídio e a retaliação violenta (AMADO, 2005).

### **Considerações finais**

A indisciplina escolar sempre se destacou no rol de preocupações de professores e educadores. Podemos afirmar, até mesmo, que ela se tornou uma inquietação para políticos e para a opinião pública em geral devido ao surto de agressividade (ou assim parece) que ocorre entre os jovens. A violência no relacionamento professor-aluno, o vandalismo, como a indisciplina, tornaram-se fenômenos multifacetados que não podem mais ser deixados de lado. Precisamos cada vez mais nos debruçar sobre suas exposições e causas, bem como seus “sentidos” e “funções” no campo social, psicossocial e pedagógico.

No entanto, adultos e crianças arrogantes não são as únicas razões para a violência escolar acontecer. Pais, professores, autoridades escolares e os amigos têm a sua quota de participação no contexto.

E, para não fugir a minha responsabilidade, segue algumas idéias com a singela intenção de contribuir para a diminuição dessa crise de violência e indisciplina no ambiente escolar: (1) estimular os alunos a discutir sobre a violência; (2) superar e argumentar sobre as implicações e os problemas que podem causar a violência entre os próprios alunos como o tribalismo (formação de grupos fechados que abrem brechas para uma disputa simbólica de poder tanto dentro quanto fora da escola); (3) Promover a interação entre direção, professores e alunos para melhorar a administração da escola em seus mais variados aspectos; (4) Incentivar a leitura de livros em que a violência é tratada de forma direta ou realista evitando o uso da violência como um dispositivo sensacionalista ou provocador; por fim (5) é necessário que todos estejam abertos à realidade para discussões francas sobre a indisciplina, fornecendo os exemplos necessários a respeito de como a violência é ruim.

Nesse sentido, precisamos inovar e discutir abertamente o papel da sociologia como elemento de debate e solução dos problemas sociais. Como sabemos, não é

uma tarefa fácil, mas essencial e inadiável. Renovar a sociologia para atuar no social é serviço urgente. Paralelamente, revigorar as perspectivas dos professores e agentes escolares também é fundamental.

Por fim, é importante lembrar que a percepção da realidade escolar é um assunto demasiadamente complicado e que carece de consenso. Desse modo, é bom advertir o leitor que as percepções do autor que nortearam este relato podem ser corrigidas ou até mesmo invalidadas por um estudo mais duradouro, o que não desmerece nossa tentativa de captar as sociabilidades e as interações intra/extra escola.

## Referências Bibliográficas

- AMADO, J. (2005). **“Contextos e Formas da Violência Escolar”**. Revista Portuguesa de História, Separata, pp. 299-325. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Tomo XXXVII.
- AMADO, J. (2001). **Interacção pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Edições ASA.
- DAYRELL, Juares (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**, A Escola como espaço Sócio-Cultural. Ed UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- AQUINO, Julio Groppa, **Indisciplina Na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. Os Sentidos da (in)disciplina**.
- DERINE, Jonh, **A Mercantilização da Violência Escolar**.
- CARLOS, Ana Fani A (org), **Novos Caminhos Da Geografia**, A Geografia: Pesquisa e Ensino, Nidia Nacib Pontuschka. P. 111-142. Ed. Contexto. 2004.